

DIVERSIDADE CULTURAL: desafios de trabalho em sala de aula

LOPES, Adriana Ester⁷
OLIVEIRA, Marcela Crepaldi de⁸
SILVA, Vanessa Galvani da⁹

RESUMO

A comunidade escolar contém uma população composta por diversos grupos étnicos com suas tradições e suas crenças. Este presente artigo vem lançar o conceito de cultura e o modo que a mesma tem que ser poupada em sala de aula, pois, quando discorrermos sobre cultura, temos que esclarecer que a cultura de um povo é ampliada por múltiplos elementos, como fés, conceitos, costumes, valores, danças, brincadeiras conhecidas, nutrição, aparência de se vestir, em meio a outros fatores, ou seja, é uma característica muito formidável de um grupo, pois é incidida de geração em geração e evidencia aspectos locais de uma população. Objetivando a observação das diferenças, ou seja, cultura individual deparada em nossas salas de aula e a sua extensão no procedimento de ensino-aprendizagem. Compreendemos que a arte da aprendizagem ocorre de formato distinto para cada sujeito, pois é imprescindível um anexo de táticas cognitivas que movimentam o procedimento que muitas vezes é individual. Esse é um tema de enorme importância e deve ser levantado em sala de aula, pois os estudantes necessitam de ter ciência da diversidade cultural do país e incluírem as amostras culturais, fortalecendo ainda mais a prática dando valor à cultura de cada educando, fortalecendo assim os laços entre alunos e educadores.

Palavras-chave: Cultura. Respeito. Sala de aula. Educandos. Professores.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente o Brasil tem alcançado alguns resultados no fator de sensibilização, de consideração com o próximo. No entanto, ainda faltam diversos fatores a superar, como acréscimo do acesso à educação básica, da mesma maneira quanto à diferença e à relevância da multiplicidade cultural vivente nos estabelecimentos escolares. Compreendemos que, os atos de discriminação étnico-raciais são germinados e repercutidos em todos os lugares da vivência brasileira, o educandário exclusivamente é um deles. O educador, em sua classe, passa vários problemas para realizar o trabalho com tanta diversidade e obter com que organize um respeito recíproco entre os educandos.

Observando a multiculturalidade constatamos que ela está de fato no nosso cotidiano, isto é, ela existe há um determinado tempo. Existe uma diversidade imensa; exemplo: quando

⁷ Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Alta Floresta (adrianaluedke@hotmail.com)

⁸ Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade do Vale do Juruena (crepaldi_oliveira@hotmail.com).

⁹ Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Alta Floresta, Especialista em Neuropsicopedagogia pela Universidade Candido Mendes (galvani_6@hotmail.com).

se trata de crianças, estas são provenientes de diversos municípios; podem ser naturais do mesmo estado, entretanto possuem traços culturais diversificados, podendo ser transmitidos tanto da cultura indígena, africana, bem como de pessoas que são imigrantes. Há pouco tempo, o Brasil tem ganhado enorme número de imigrantes de diversos continentes, e estes estão presentes nas instituições educacionais brasileiras. Por este motivo, necessariamente é fundamental que os alunos sejam inseridos em um sistema educacional onde não se tenha discriminação e que permita a interação de todos os seres humanos que ali participam (CILIATO; SARTORI, 2015).

Deste modo, a expressão diversidade cultural pode virar um assunto atual e proeminente, desde que a escola comece a ampliar e buscar um ensino de forma a ensinar a respeitar e acolher a variedade de culturas da sociedade escolar, sem reserva dos mais compassivos aos mais determinados, dos mais concorrentes aos mais participativos, dos mais vagarosos aos mais acelerados, dos surgidos de famílias estruturadas e aos de casas desestruturadas. Conforme a história, a instituição educacional tem problemas para superar a diversidade. As distinções constituem dificuldades ao oposto de possibilidades para produzir conhecimentos em diversos graus de aprendizagens. O ambiente educacional é a esfera em que os alunos precisam desfrutar das mesmas oportunidades, contudo com táticas de aprendizagens distintas.

Estando assim, dá para se examinar como tentar edificar entre eles apreciações de solidariedade, afeto, consideração, e que apreendam a educação que se almeja diversificada e inclusiva. É difícil não intuir as classes de aulas tornando-se gradativamente mais heterogênicas, e determinados questionamentos nascem nesta situação: Como abranger os fundamentos coletivos e os específicos em meio a diferentes culturas no ambiente escolar?

2 A DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA

Segundo Nunes (2013), a escola é como uma pequena sociedade, onde se concentra uma grande diversidade humana, e que tem a responsabilidade de formar cidadãos analíticos, lúcidos e operantes. Não pode ficar indiferente, precisa compreender a diversidade da sua população.

Deste modo, vale sublinhar que urge considerar e valorizar os diferentes saberes e culturas das populações, na maior parte dos casos e, em particular, dos alunos, visando a integração, inclusão e acolhimento de todos, independentemente dos seus percursos

geográficos, históricos, culturais, linguísticos e psicológicos. As diferenças podem ser vistas como outra forma de ser e de estar, conduzindo à compreensão, respeito e inserção das mesmas na sala de aula.

Uma ação pedagógica realmente pautada pelo respeito à diversidade cultural deve ter como princípio uma política curricular da identidade e da diferença. De outro modo, também não basta só reconhecer e celebrar a diferença, mas também questioná-la, com intenção de perceber como ela está constituída (NUNES, 2013). Para melhor compreensão sobre diversidade cultural no cenário escolar deve-se, primeiramente, compreender a cultura.

Conforme Mantoan (2003), uma escola de qualidade desenvolve um projeto pedagógico centrado no aluno como estratégia de permanência e sucesso na escola, assegurando a aprendizagem dos alunos. Este deve ser o objetivo primordial de uma instituição escolar: garantir a aprendizagem dos educandos.

A cultura é resultado de crenças, moral, arte e costumes, entre outros aspectos que são adquiridos nas vivências sociais pelo homem durante sua vida. Ela é recebida como um espólio em um grupo social, ela o caracteriza, o compõe como resultado do meio cultural do qual foi sociabilizado, espólio do qual é um amplo processo cumulativo experimentado por uma diversidade de gerações. Entretanto, no procedimento de vivência o homem se compõe quando gênero e criador de seu meio, se fazendo e construindo crítica do ganhado e compreendido, o que lhe possibilita novidades e construções (projetos), simbologias outras que permitem liberar sua subsistência e presença do meio social (LEITE, 2014).

Em consequência dos tipos de cultura os grupos sociais podem ser identificados. Esta descrição de cultura é assimilada como uma forma de vida, um entendimento do âmbito de existir, uma especificidade que o forma no tempo em que um integrante de algum grupo, por meio de críticas de ordem moral e valorativa, que é formada por valores, língua, religião, simbologias, sistema de ensino, e outros elementos múltiplos que distinguem, especificam e categorizam os as pessoas perante o meio social.

Segundo Santos e Aquino (2014, p. 4):

A história da humanidade é marcada por vários grupos sociais por meio da dominação, conflitos, assimilações, alianças, conforme o poder de cada um, onde ocorre uma interação social e cultural, bem como impondo seus costumes e hábitos. Sendo assim, os países do mundo possuem em sua formação histórica e cultural imigrantes de diversos locais do planeta desde a chegada dos europeus, com a conquista do Brasil no século XV, como é o caso do Brasil, que mantém as diversidades culturais dos grupos humanos em contato com conflito ou não, sendo um deles o grande contingente de nativos, denominados índios.

A cultura está sempre se transformando; o que permite esta transformação ou variação é o procedimento de comunicabilidade e transferência. Princípios, tal como: modo de agir, vestimentas, caminhos, comida se modificam perante o surgimento de necessidades que aparecem ao longo das gerações, estas localizadas num tempo e espaço de vivência, promovendo bem estar para alguns e, para outros, uma alteração imposta e, portanto, expandindo a violência simbólica.

O estereotipo, imposições de padrões e normas de vivência, estabelecidas no sistema capitalista, interferem em algumas culturas instituindo com que estas sofram. Santos e Aquino (2014) citam um exemplo desta violência, refletindo: o desenvolvimento da aculturação forçada pelos europeus para com os povos do “mundo novo”, representando a violência diante o homem branco em relação aos índios, esse tido como o incomum, o desconhecido, de valores inferiores lidos pelas lentes. A proximidade frisou a estipulação de princípios culturais de um grupo para com o outro e, principalmente, uso de força física, tecnológica, subjetiva para o contexto da superioridade. A cultura provoca um sistema de categorias, sistemas simbólicos de identificação e expulsão que negam características do outro em razão de não serem iguais às suas mediante alguns contextos, como o encontro entre europeus e indígenas; este choque, gerado no encontro com a diferença, com o inexplorado, e não constatação de diferenças, produziu agressividade (violência).

Sendo assim, o modo de observar o mundo, os julgamentos de regra moral e valorativa, as distintas atitudes sociais, e mesmo as condutas corporais são, deste modo, produtos de um espólio cultural, ou seja, a consequência do tratamento de uma determinada cultura (LARAIA, 2008). O que efetivamente podemos identificar em indivíduos de culturas diferentes por uma série de características, como o modo de agir, vestir, comer e, a mais evidente, a diferença linguística (BECERRA, 2013).

A uniformidade do ser muitas vezes é engajada em certa medida pela cultura, a personificação do indivíduo segundo as propensões do grupo ao qual pertence. Algumas instituições, como a igreja, escola, família, são construtoras de identidades sociais, consideradas excelentes exemplos de produção de personificação no mundo contemporâneo, com o intuito de construir indivíduos preparados para o convívio social.

Ambos os sexos necessitam de uma comparência unificada. A cooperação em uma cultura é um dos motivos que lhes possibilita a essência de relacionar-se a algo. Existe um sentido de segurança que a cultura proporciona, bem como identidade, dignidade, pertencer a

um todo e partilhar a vida de gerações anteriores e também expectativas da sociedade com respeito ao próprio futuro (SANTOS, 2012).

De acordo com Santos (2012), a cultura é fidalga do ser humano; nesta continuidade se relaciona com o homem, em sua individualidade e em suas convivências sociais, e com o meio em que vive. Tudo aquilo que não é natureza denomina-se cultura, ou seja, tudo o que é gerado, elaborado feito pelo ser humano. Um exemplo: a terra é natureza e o plantio é cultura. Refere-se ao desenvolvimento do intelecto do ser humano, e aos valores e costumes de uma sociedade; cultura expressa não só os sentimentos humanos, o que ele faz ou exerce com relação à cultura, mas também implica no pensar e refletir sobre o sentido de tudo no mundo.

3 DIVERSIDADE CULTURAL NO AMBIENTE ESCOLAR: grande desafio

A escola é um local composto por uma população com distintos grupos étnicos, com suas tradições e suas crenças, e muita das vezes acontece à discriminação no ambiente escolar e os enigmas dos profissionais da educação em passar por essas ocorrências, para Gomes (2007, p. 73):

A luta por direito às diferenças sempre esteve presente na história da humanidade e sempre esteve relacionada com a luta dos grupos e movimentos que colocaram e continuam colocando em cheque um determinado tipo de poder, a sobreposição de um delimitado padrão de homem de política, religião, de arte, de cultura.

Os afrodescendentes devem ser reconhecidos em nossa sociedade semelhantemente, com igualdades de oportunidades, que são concedidas a outras etnias e grupos sociais, buscando eliminar todas as formas de desigualdades raciais e resgatar a contribuição dos negros para a formação da sociedade brasileira; assim, valorizar a cultura e história dos afro-brasileiros e africanos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), pensando a respeito de diversidade cultural trouxe assuntos referentes à diversidade cultural e pluralidade étnica que se depara no dia-a-dia escolar.

Tratar sobre as diferenças culturais, tendo-as como verdadeiras e sobrelevando da ultrapassagem das discriminações é proceder sobre um mecanismo de expulsão, encargo fundamental ainda que insatisfatório, para prosseguir rumo à frente visando uma sociedade absolutamente democrática. É um ato incontestável do afazer educativo, revertido para a condição de cidadão de modo que tanto o menosprezo cultural - traço bem característico de país colonizado - quanto a discriminação são bloqueios à totalidade da cidadania para todos, consequentemente, para a própria. (PCNs, 1997, p. 21).

Diante do exposto, o ponto da relação em meio à disparidade cultural e destreza docente compõe aparência relevante no aperfeiçoamento de um colégio democrático; apesar disso, abrangemos que a essência da diferença gera agitações, conflitos e aborrecimentos às alterações de padrões.

Segundo Morin (2001, p. 56),

A cultura é composta por uma ampla complexidade de aspectos, como crença, saberes, fazeres, normas, regras, proibições, estratégias, ideias, valores, mitos que se propaga de geração em geração, se produz em cada indivíduo, controla a presença da sociedade e mantém a multiplicidade psicológica e social que constitui a cultura. A não sociedade humana, arcaica ou contemporânea é desprovida de cultura, mas cada cultura é única. Portanto, sempre existe a cultura das culturas, no entanto a cultura existe apenas por meio das culturas.

A educação é o fator de maior eficácia para contribuir para a promoção dos excluídos. Por isso, muitas ações têm sido desencadeadas de modo que o reconhecimento e a valorização do negro garantam a eles as mesmas condições, numa constante luta contra o racismo e o preconceito. Luta esta que deve ser de todos, todos que acreditam num país democrático, justo e igualitário.

Atualmente, a escola e a sociedade têm se preocupado com a criação de representações positivas sobre o negro, possibilitando uma inserção social do negro em alguns setores da sociedade, mudando aos poucos a situação do negro. Um exemplo real e recente disso é a Presidência dos Estados Unidos, sendo conquistada por um negro: Barack Obama. O próprio estabelecimento da Lei nº 10.639/03, que altera a LDB 9394/96, já retrata a preocupação na reflexão acerca do preconceito e da discriminação, buscando democratizar e universalizar o ensino, garantindo a todos os educandos o reconhecimento e valorização de sua cultura, de sua história, de sua identidade, e, assim, combater o racismo e as discriminações, educando cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial, tendo seus direitos garantidos e sua identidade valorizada.

Fala-se hoje, também, com alguma insistência, sobre o papel de professor pesquisador; no entender de Freire (2000), o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador.

O professor deverá ter ainda um papel “multiculturalista”, ou seja, deverá ser um professor que procura questionar os valores e os preconceitos. Precisa trazer para a sua classe

a preocupação com as diferenças culturais, sensibilizar-se para problemas de deficiência física ou diferença étnica, social, religiosa, etc. Deverá se esforçar por criar um ambiente participativo e interativo entre a escola, a família e a própria comunidade, e desenvolver projetos que contem com o envolvimento dos seus educandos de forma a contribuir para o desenvolvimento pessoal e social destes.

Faz-se fundamental conhecer a prática educacional utilizada pelo professor frente à diversidade escolar, a fim de amparar e auxiliar a desenvolver em sua classe, simultaneamente com os alunos, métodos que presem essas diversidades ali presentes.

Assim, a inovação da sala de aula, com base no pensamento freireano, põe em diálogo duas perspectivas complementares: ensinar a pesquisa e pesquisar o ensino, caracterizando-se como um movimento de construção e de transformação permanente e revelando possibilidades de maximizar o potencial emancipatório das relações de ensinar e de aprender (FREITAS, 2014).

Conforme as diretrizes dos PCNs a escola careceria trabalhar com evidência o assunto da Diversidade Cultural, já que a escola prioriza a constituição de sujeitos éticos, no entanto, a escola apenas não está dando conta de alcançar completamente a finalidade proposta, e com isso, consecutivamente, se vê esses tipos de dificuldades com desmoralização entre colegas e com docentes.

Perante alguns contextos o cumprimento e o aprimoramento da legislação são indispensáveis, entretanto muitas das vezes ainda são insatisfatórios. Os direitos culturais e a criminalização da discriminação respondem tópicos relativos à segurança de pessoas e grupos associados às minorias étnicas e culturais. Portanto, o objetivo de auxiliar para a ultrapassagem da discriminação e construção de uma sociedade fraterna e justa, o sistema há que lidar no campo social, pensados para a construção de novos hábitos, condutas e reação, novos vínculos, em relação àqueles que historicamente foram alvos de injustiça. Que se apresentam no dia-a-dia. (PCNs, 1997, p. 123).

Como princípio educativo, a diversidade cultural nos leva a, constantemente, rever os valores políticos, sociais e culturais de compreensão do outro. Lançar mão desse princípio significa, simultaneamente, entender o saber e a cultura como parte da produção sócio-histórica de determinada sociedade, e também problematizar os ditos valores sociais e culturais universais.

O entendimento de que “toda educação é cultura”, nos desafia a compreender a noção do saber, poder e identidade que têm sido transmitidos e produzidos na instituição escolar. Portanto, a realização de práticas pedagógicas que têm na diversidade étnico-racial seu

princípio educativo passa necessariamente pela revisão e (re)construção dos valores sócio-históricos, políticos e culturais das relações raciais na sociedade.

De acordo com Gomes (2007) pensar sobre a diversidade compreende mais do que apenas reconhecer o outro. Portanto, afirma que “Para a toda elaboração cultural e social existe uma prática particular, preferências diversas e vários caminhos para ser seguidos” (GOMES, 2007, p. 72-74).

Segundo Gonçalves e Silva (1996), quando se elimina dos currículos escolares o contexto da luta dos negros na sociedade brasileira o prejulgamento e o isolamento nas escolas se estendem por meio do procedimento ou andamento da prática pedagógica que elimina o contexto citado.

Não carece esquecer que o que os docentes fazem são o principal elemento da metodologia em busca do valor das igualdades sociais já que, os educadores são

Pertencentes a uma massa de cidadãos culturalmente afro-brasileira e lidamos com ela; deste modo, valorizar e apoiar a criança negra não institui em simples gesto de generosidade, todavia de inquietude com a nossa respectiva identidade de brasileiros que possuem raiz africana. Devemos defrontar em oposição aos prejulgamentos que nos fazem a menosprezar as raízes negras e por consequência as indígenas também estas da cultura brasileira, visto que, ao menosprezar qualquer delas que seja, menosprezamos a nós mesmos. Lastimoso é a circunstância de um povo, lastimoso é a condição de pessoas que não reconhecem como são, e buscam ser, copiando o outro e não são o que verdadeiramente são. (GONÇALVES E SILVA, 1996, p. 175).

Desse modo, faz-se indispensável compor a relação em meio ao conhecimento vivenciado pelo estudante e a noção transmissiva em ambiente escolar, para que, do mesmo modo, não se desarticule a noção escolar da essência dos colegiais.

Perrenoud (2000, p. 90) diz que um ensino em que se faz respeito às diferenças culturais é um desafio a se enfrentar; cabe à escola investigar o modo social e cultural existente, com cuidado e dedicação, para elaborar um projeto pedagógico que atenda a todos sem nenhum tipo de exceção.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), é na escola onde se propicia um cenário para a eliminação de desigualdade, da discriminação do racismo e promoção de igualdade, por meio de possibilitar em seu espaço físico a convivência com pessoas de diferentes origens étnico-raciais, culturas e religiosidade.

Em suma, o professor pode até ser um agente da transformação da sala de aula, da escola e a da sociedade, com vistas à construção de um ambiente de respeito mútuo. Esse tema necessita, portanto, que a escola, como instituição voltada para a constituição de sujeitos

sociais e ao afirmar um compromisso com a cidadania, coloque em análise suas relações, suas práticas, as informações e os valores que veicula. Portanto, por meio da educação para a valorização da diversidade pode-se combater, no plano das atitudes, a discriminação manifestada em gestos, comportamentos e palavras (SILVA, 2015).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997, p. 23), ao propor uma educação comprometida com a cidadania, elegeram, baseados no texto constitucional, princípios para orientar a educação escolar, a saber:

- Provoca o respeito aos direitos humanos, repúdio à discriminação de qualquer tipo, acesso a condições de vida digna, a respeito mútuo nas relações interpessoais, públicas e privadas - Dignidade da pessoa humana.
- Refere-se à Igualdade de direitos a indispensabilidade de assegurar a todos a mesma dignidade e probabilidade de execução da cidadania. Para tanto há que se considerar o fundamento da equivalência, isto é, que existem dessemelhanças (étnicas, culturais, regionais, de gênero, etárias, religiosas, etc.) e discrepâncias (socioeconômicas) que necessitam ser consideradas para que a igualdade seja efetivamente alcançada.
- Participação: como princípio democrático, traz a noção de cidadania ativa, isto é, da complementaridade entre a representação política tradicional e a participação popular no espaço público, compreendendo que não se trata de uma sociedade homogênea e sim marcada por diferenças de classe, étnicas, religiosas etc.
- Corresponsabilidade pela vida social - implica partilhar com os poderes públicos e diferentes grupos sociais, organizados ou não, a responsabilidade pelos destinos da vida coletiva. É, nesse sentido, responsabilidade de todos a construção e a ampliação da democracia no Brasil. (BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação, 1997, p. 21).

Além disso, ocorre que a identidade da criança está, continuamente, em construção, podendo ser afetada por nosso meio social, ou seja, é formada ao longo do tempo e não algo inato, existente na consciência desde o momento do nascimento. Assim, ela permanece sempre incompleta, está sempre sendo formada, numa interação entre o eu e a sociedade e modificada num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

Os docentes precisam capacitar para poder lidar com as diferenças, com as discriminações sociais no ambiente escolar. Com essas diversidades temos que fortalecer conceito que possa repercutir contra qualquer tipo de discriminação racial, preconceituosa e que possibilite um tipo de orientação consensual (SILVA, 2015).

Sendo assim, a escola carece realmente de conhecer quem são seus educandos, pois só deste modo poderá trabalhar diversidades em modo pleno. A escola necessita ficar sempre disposta para cogitação de novos métodos educacionais, permitindo aos envolvidos uma metodologia educacional que seja abrangente.

Que, de maneira alguma se funde uma escola que seja um utensílio de reprodução de preconceitos, mas sim, ambiente de elevação e valorização das variedades culturais que enriquecem a sociedade brasileira.

4 DIVERSIDADES CULTURAIS X DESAFIOS INTERDISCIPLINARES

A diversidade se desembrulha principalmente no espaço escolar, onde se concentram vários alunos com diversas culturas. Atualmente o sistema educacional brasileiro possui um extenso desafio em desenvolver um Projeto Político Pedagógico que construa uma perspectiva real da prática pedagógica, em referência à diversidade cultural, para estimular as aptidões dos educandos.

Normalmente, indisciplina, desprazer e agressividades podem ser resultados de um projeto pedagógico que não atende às diferenças individuais dos seus educandos, gerando o fracasso e a marginalização. Em contrapartida, se a escola, em sua estrutura física e pedagógica, proporcionar aos educandos ações que os identifiquem como cidadãos valorizados neste espaço, a autoestima e autoimagens vão além do esperado, e o aprendizado será significativo.

Aprender a conviver significa respeito e abertura para as relações humanas, significa habilidade pessoal de permitir a aproximação e não o afastamento do outro, através da empatia, do respeito, das formas alternativas de vida, da escuta, do diálogo, do interesse, etc., tendo sempre por base o envolvimento com a diferença sem qualquer preconceito (RODRIGUES, 2013).

Para Flores e Flores (2000, p. 90):

As elaborações de projetos curriculares assentem numa articulação de conteúdos, estratégias, objetivos e formas de avaliação, numa lógica inter e transdisciplinar, favorecedora de conhecimentos significativos por parte dos alunos, será uma importante via para melhorar a qualidade da educação.

Compete também aos sistemas educativos promoverem a integração e a produção de inovação de saberes. Consideramos que a procura de novos métodos de ensino, baseados numa relação mais estreita com o processo educativo, tem sido cada vez mais incentivada através da utilização de métodos ativos que requerem, cada vez mais, a participação dos alunos, pretendendo-se a concretização dos saberes através de atividades interdisciplinares, o desenvolvimento integral e integrado do aluno, e o favorecimento da articulação entre a

escola e o meio, através de projetos pedagógicos. Todo o trabalho de projeto é animado por um objetivo concreto e, por esta razão, as crianças se dedicam a ele com gosto e perseverança e colaboram entre si.

Existem várias práticas consecutivas e mecânicas no interior da escola, por equívoco no segmento professores, em relação à interdisciplinaridade, onde se sabe a importância; entretanto, possui dificuldades para por em prática de modo a concretizar e fundamentar.

O conhecimento interdisciplinar não se limita apenas à classe de aula, cabe-nos compreender que este limite do conhecimento escolar se consolida em relação à vivência social. Assim, a multidisciplinaridade provoca a habilidade do professor, mostrando a oportunidade de reestruturação do saber para a produção de um novo conhecimento.

De acordo com Rodrigues (2013), o incrementar de projetos de ação traz muitos benefícios ao processo educativo na sociedade multicultural em que vivemos, e devem ser privilegiados, dado que os princípios inerentes à aprendizagem, que orientam esta metodologia, coincidem também com os objetivos do nosso sistema educativo.

Na verificação por mudança no sistema educacional, a interdisciplinaridade é fundamental para se trabalhar com a diversidade cultural. O termo interdisciplinaridade se coloca na pluralidade de conotações e, analisando o termo, como observa Barbosa (1991, p. 65),

Muitas vezes, na tarefa educacional, fazemos referências à interdisciplinaridade. Necessariamente quando se trata de produção dos planejamentos anuais, onde se fala sobre incluir algumas disciplinas, mas nunca se chega a um consenso de modo a aplicá-lo e fazê-lo. Na grande maioria das vezes, não se aplica. A efetivação desta prática transcorre da inexistência do conhecimento da sua definição, existe carência de alguém que tome para si o comprometimento de levá-lo à frente ou, ainda, as regras da educação apresentam impedimentos naturais à elaboração da interdisciplinaridade do conhecimento. De fato, não se achará quem facilite o procedimento para que a interdisciplinaridade se realize.

Existe uma encadeação de métodos imediatos mecânicos no íntimo da escola, por carência de compreensão em relação aos docentes, quando se diz respeito à interdisciplinaridade; mesmo compreendendo a importância, têm problemas em traduzí-la em exercício concreto e fundamentado.

Barbosa (1985, p. 19) resgata o conceito do conjunto para o conhecimento:

Em um contexto histórico pode-se elencar como fundamento da interdisciplinaridade a ideia de totalidade, paulatinamente substituída pela ideia do inter-relacionamento do conhecimento. Inter-relacionar as múltiplas disciplinas para obter um entendimento orgânico do conhecimento, ou entender a globalidade do conhecimento, foi um propósito educacional defendido inicialmente pelas teorias

humanísticas da educação. Segundo algumas dessas teorias, estando o homem um ser global, precisaria ser coordenado para a busca do conhecimento total, global, do universo. Subsequentemente, de outra forma, alguns behavioristas argumentavam esta ideia de investigação e propagação globalizada do conhecimento, porque essa globalidade representaria a ampliação do meio ambiente recomendável para seu simples domínio, em sentido de conduzir a conduta humana.

É necessário que a escola seja palco de reestruturação e rompa seus laços com as estruturas burocráticas que distinguem o procedimento educacional. Como assegura Fazenda (1991, p. 57):

A partir da exclusão das barreiras entre matérias e seres humanos, é possível transformar o mundo, assim é chamada interdisciplinaridade que é importantíssima para a composição do ser cidadão. A sobrelevação das barreiras entre as disciplinas conquista-se no instante em que as instituições abandonarem seus hábitos cristalizados e dispõem em busca de novos objetivos e no momento em que as ciências absorvam a delimitação da barreira de seus subsídios. O que se torna mais trabalhoso que esta, é a suspensão das barreiras entre as pessoas, produto de preconceitos, ausência de formação apropriada e comodidade. Este afazer requisitará a ultrapassagem de impedimentos psicossociológicos, cultural e material.

É necessário compreender, também, que a educação interdisciplinar não se limita apenas à sala de aula, mas transpõe os limites do conhecimento escolar e se fortalece na proporção em que ganha a intensidade da vida social. Nessa acepção a interdisciplinaridade incita a habilidade do educador, mostrando-se como probabilidade de organização do saber para o cultivo de um novo conhecimento.

Nesta perspectiva nós entendemos que é fundamental, no processo de ensino-aprendizagem, a compreensão necessária para que se possam ver as especificidades de cada um, bem como as suas complexidades, para podermos reconhecer quem somos como coletividade, e quem somos como indivíduos.

Peres (2000) se refere com cautela quando afirma que, apesar de se dizer em educação intencionalidade para os valores, igualdade de oportunidades, direitos humanos, educação inter/multicultural, educação ambiental e antirracista, o que avistamos são revelações de marginalização, xenofobia, preconceito, racismo, entre outros.

Por consequência destas questões, a escola deve enfatizar o papel de cooperar em questões referentes à orientação sexual, ética, saúde, meio ambiente, pluralidade cultural, para que sejam tratadas com respeito. É essencial que o meio e a comunidade escolar percebam a importância da pluralidade cultural, a relevância dos aspectos relacionados à diversidade para formar cidadãos, que lutem pelos seus direitos e cumpram seus deveres, reflitam sobre os princípios e os valores morais de ser cidadão e uma pessoa do bem.

Para o Ministério da Educação e Desporto, considerando algumas questões atuais, e que, geralmente, são a razão de feitos ou atos preconceituosos, adicionou nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) os Temas Transversais. Sendo que a Pluralidade Cultural está entre os temas. Neste, a comunidade e o professor devem trabalhar no sentido de um sistema educacional que contribua no desenvolvimento do cidadão, tornando-o participativo, crítico e reflexivo, que compreenda suas atribuições (direitos e deveres) na sociedade. Na contemporaneidade, a escola deve, além de ensinar o conteúdo de disciplinas, como ciências, português e matemática, formar cidadãos, preparar os alunos para se relacionarem na sociedade, utilizando da ética e da responsabilidade que lhes foi ensinada. Portanto, nos PCNs foram inseridos Temas Transversais, sendo estes obrigatórios no currículo escolar.

Por razão de questões sociais, os Temas Transversais apresentam natureza díspar das áreas padronizadas. Abordam processos que estão sendo excessivamente vivenciados pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e professores em seu dia-a-dia. É discutidos em diversos espaços sociais, a procura de explicação, alternativas, afrontando posicionamentos diversos tanto em relação à mediação no âmbito social mais complexo quanto à atuação pessoal. (BRASIL, 1998, p. 26).

Os Temas Transversais são de uma educação que se preocupa com a cidadania do seu povo, apresenta um sistema de educação comprometido com a cidadania, reforçando o texto da Constituição Federal, necessariamente nos artigos 1º e 2º, onde afirmam que o povo deve viver com dignidade, igualdade e responsabilidade social. Mas, apenas estar nos PCNs não surte efeitos suficientes na sociedade. É necessário que as práticas e as mudanças se iniciem no sistema educacional no ambiente escolar, e depois se expandam para a sociedade num todo.

Cordioli (2006) afirma que o modo como os professores tentam lidar com a transversalidade é tranquilo onde os temas de ética e da multiculturalidade pertenceriam ao campo da Geografia e da História, e os temas de saúde e orientação sexual ao campo das Ciências Naturais.

Para Yus (1998), os temas transversais permitem um novo conceito de escola, onde se tem uma educação que atende a realidade dos alunos, portanto tornando que o ensino-aprendizado seja consolidado de forma efetiva. Assim, permite e possibilita o preparo dos alunos para agir e viver como cidadãos críticos capazes de realizar ações que permitam mudar a realidade.

Os temas transversais precisam ser referenciados e executados de forma contextualizada, fazendo parte do cotidiano do professor na sala de aula, deixando as aulas

semelhantes à vivência do aluno. O ensino da atualidade ainda tem fortes traços do modelo de ensino da escola tradicional, onde se ensinava apenas conteúdo. Boa parte das vezes o professor acaba desconsiderando o conhecimento, as experiências e os sentimentos dos alunos, e isso ocasiona agravo aos educandos que, ao não analisarem a sua realidade e o seu contexto, não vislumbram possibilidades de transformar as relações sociais.

Levando em consideração que as escolas ainda têm como prioridade ser “conteudistas”, sendo semelhantes à escola tradicional, torna-se difícil o compromisso pedagógico voltado para abordar os temas transversais (ALMEIDA, 2006). É indispensável que os temas transversais, incluídos no currículo, possuam o propósito de contribuir para a construção psíquica e social dos alunos, tendo em vista que, no momento que abordados de forma devidamente correta, tornam-se capazes de serem as relações sociais respeitadas e harmoniosas, possibilitando ao aluno aprender com a realidade social que o cerca.

Quando os Temas Transversais são entendidos de forma correta, ao serem aplicados, estes podem potencializar a reflexão e a crítica sobre os problemas que emergem das contradições derivadas das diversas matrizes culturais.

A complicação se dá por causa da maioria dos professores e da comunidade escolar não está preparada e, muito menos, compromissada em trabalhar com o multiculturalismo. Mas, isto é habitual pelo fato de que boa parte dos docentes não se responsabiliza em trabalhar os Temas Transversais, de acordo com o que mandam os PCNs.

Outro aspecto se refere à orientação, capacitação e formação ausentes, para que os professores possam se sentir preparados e entusiasmados a trabalhar com estes temas através de projetos ou, até mesmo, contextualizando suas aulas e atividades. A proposta do Ministério da Educação é importante e tem seus méritos, porém, precisa ser realizado um trabalho voltado aos professores para que a proposta de inserir Temas Transversais no currículo escolar possa sair do papel e, de fato, fazer parte da prática pedagógica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos amplos desafios da escola, hoje, é o de desenvolver um Projeto Político Pedagógico que constitua um olhar real da prática pedagógica em relação à variedade cultural para a mobilização das capacidades dos alunos.

Compete ainda destacar que, quando a escola tem um projeto pedagógico que não acolhe as diversidades individuais, dá origem a um desagrado, desobediência e até mesmo

agressividade. Por conseguinte, à marginalização e ao fracasso. Por outro lado, o trabalho pedagógico carece ter um espectro democrático, abrigando as diferenças como um componente essencial no ensino-aprendizagem. Deste modo, conjectura o alargamento de um novo homem e uma nova sociedade.

A lei preconiza a universalização da educação para todos, garantindo o direito ao acesso, à permanência e ao sucesso dos alunos. No entanto, a realidade educacional contemporânea coloca a escola pública como palco da diversidade, pois ali se encontram alunos de diferentes grupos. A diferença entre os grupos é visível e o trabalho pedagógico precisa se voltar à diferença, oportunizando o direito de educação para todos.

Carece entender que a diversidade cultural, vivente na sala de aula, pode ser aspecto de exterioridade que não leve a tratamentos particularizados nem à representação das diversidades e à eliminação social, porém, que exista um aspecto crítico, que vá além de costumes genuinamente condenatórios e resgate o recinto escolar para viabilizar exercícios pedagógicos que compreendam e avulsem a diferença cultural.

Trabalhar com uma proposta de diversidade, propiciando oportunidades de inclusão a todos os alunos na escola, não é uma tarefa fácil, uma vez que não se resume apenas à garantia do direito de acesso. É preciso que lhes sejam garantidas as condições de permanência e sucesso na escola.

É de extrema relevância que a escola, especialmente a pública, reconheça as diferenças, valorizando as especificidades e potencialidades de cada um, reconhecendo a importância do ser humano, lutando contra os estereótipos, as atitudes de preconceito e discriminação em relação aos que são considerados diferentes dentro da escola.

É preciso que todos tenham clareza de que sempre vai haver diferenças, mas é possível minimizá-las, desde que haja interesse em propiciar uma educação de qualidade a todos. Portanto, é preciso haver uma transformação da realidade, com o objetivo de diminuir a exclusão dos alunos, especiais ou não do sistema educacional. É necessário que se proponha ações e medidas que visem assegurar os direitos conquistados, a melhoria da qualidade da educação, o investimento em uma ampla formação dos educadores, a remoção de barreiras físicas e atitudinais, a previsão e provisão de recursos materiais e humanos, entre outras possibilidades.

Para conseguir atingir este efeito se faz necessário, desde cedo, nos ambientes escolares, construir conhecimento para ser praticado em ocasiões mutáveis que vão estabelecer ajustamento entre o aprendido e o que está carecendo de ser determinado com

sucesso na história em sociedade. Não se satisfaz Leis, se não houver a transformação de mentalidades e nas ações do dia a dia. Necessitamos de ações que conduzam à reflexão desses temas que gerem a meditação individual, coletiva e provejam para a superação e banimento de qualquer tratamento preconceituoso.

CULTURAL DIVERSITY: challenges of working in the classroom

ABSTRACT

The school community contains a population composed of diverse ethnic groups with their traditions and beliefs. This article is about what culture is and how it has to be spared in the classroom, because when we talk about culture, it has to be made clear that the culture of a people that is enlarged by multiple elements, such as faiths, concepts, customs, values, dances, well-known games, nutrition, appearance of dress, among other factors. It is a very formidable characteristic of a group, since it is imbued from generation to generation and highlights local aspects of a population. Aiming at observing the differences, that is, individual culture encountered in our classrooms and their extension in the teaching-learning procedure. We understand that the art of learning occurs in a different format for each subject, because an attachment of cognitive tactics is essential to move the procedure that is often individual. This is an issue of great importance and should be addressed in the classroom, as students need to be aware of the cultural diversity of the country and include cultural manifestations, further strengthening the practice of valuing the cultures of each student, thus strengthening the respect between students and teachers.

Keywords: Culture. Respect. Classroom. Education. Teachers.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, T. J. B. Abordagem dos temas transversais nas aulas de ciências do ensino fundamental, no distrito de Arembépe, município de Camaçari-BA. **Candombá - Revista Virtual**, Salvador, v. 2, n. 1, p. 1-13, jan. - jun. 2006. Disponível em: <<http://revistas.unijorge.edu.br/candomba/2006v2n1/pdfs/TeresaAlmeida2006v2n1.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2018.
- BARBOSA, Ana Mae T. B. **Polivalência não é interdisciplinaridade**. São Paulo: Max Limonard, 1985.
- BARBOSA, Derly. **A conquista do educador popular e a interdisciplinaridade do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 1991.
- BECERRA, Luiza Canales. Pluralidade cultural: algumas considerações!. **Ciência e Diversão**, blog, 2013. Disponível em: <<http://parquedaciencia.blogspot.com.br/2013/08/diversidade-cultural-em-todo-o-lugar.html>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais, apresentação dos temas transversais e ética**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. (Vol. 08),

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiros e quartos ciclos do ensino fundamental - Os Temas Transversais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

_____. **Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23.12.1996.**

_____. **Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10.1.2003.**

CILIATO, Fernanda Langendorf Guedes; SARTORI, Jerônimo. Pluralidade cultural: os desafios aos professores em frente da diversidade cultural. **Revista Monografias Ambientais – REMOA**, UFSM, Santa Maria – RS, v. 14, Edição Especial, p. 65-78, 2015.

CORDIOLLI, Marcos. **A formação de valores e padrões de conduta na sala de aula**: notas para um debate conceitual sobre transversalidade. Curitiba: A Casa de Astérion, 2006.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1991.

FLORES, M. A.; FLORES, M. Do Currículo uniforme à flexibilização curricular: algumas reflexões. In: PACHECO, José Augusto; MORGADO, José Carlos; VIANA, Isabel Carvalho (Orgs.). Políticas curriculares: caminhos de flexibilização e integração. **Atas do IV Colóquio sobre Questões Curriculares**, IEP/Universidade do Minho, Braga, Portugal, p. 83-92, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREITAS, A. L. S. de. **Leituras de Paulo Freire**: uma trilogia de referência. Passo Fundo - RS: Méritos, 2014. (Vol. 1).

GOMES, Nilma Lino. Educação e Diversidade Étnicocultural. In: RAMOS, M. N.; ADÃO, J. M.; BARROS, G. M. N. (Coords.). **Diversidade na educação**: reflexões e experiências. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica/MEC, 2003.

_____. **Um olhar além das fronteiras**: educação e relações raciais. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. Prática do racismo e formação de professores. In: DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. 117 p.

LEITE, Maria Aparecida. **Diversidade cultural no contexto escolar**. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação, Práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Itaporanga – PB, 2014. 54 p.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

NUNES, Manuel Santiago Furtado. **Diversidade Cultural no Contexto Escolar, Estudo de caso na Escola Secundária de São Miguel**. Monografia (Licenciatura em Ciências da Educação e Práxis Educativa, variante Administração e Gestão Educativa). Universidade Jean Piaget de Cabo Verde, Cidade da Praia, Santiago, Cabo Verde, 2013. 121 p.

PERES, A. N. **Educação intercultural**: Utopia ou Realidade? (Processos de 88 pensamentos dos professores face à diversidade cultural: integração de minorias migrantes na escola). Porto, Portugal: Profedições, 2000.

PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia diferenciada**: das intenções às ações. Porto Alegre: Artmed, 2000.

RODRIGUES, Paula Cristina Raposo. **Multiculturalismo** – A diversidade cultural na Escola. Tese (Mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico) - Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, Portugal, 2013. 146 p.

SANTOS, Gilson. Três Pilares no Conceito Secular de Cultura. **Instituto Poimênica**, [on line], 02.05.2012. Disponível em: <<https://institutopoimenica.com/2012/05/02/trs-pilares-no-conceito-secular-de-cultura/>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

SANTOS, Telma Rosânia Baptista dos; AQUINO, Maurício de. Diversidade cultural na sala de aula. **Cadernos PDE**, os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE – Artigos, v. 1, 18 p., 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uenp_hist_artigo_telma_rosania_baptista_dos_santos.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2018.

SILVA, Vanja Mara Barbosa da. **A diversidade em sala de aula**: um desafio sempre Atual. Monografia (Licenciatura em Letras/Português) - Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília, Buritis - MG, 2015. 34 p.

YUS, R. **Temas transversais**: em busca de uma nova escola. Trad. Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.